
MARIA SERAFIM, UMA MULHER TECENDO A ECONOMIA DE SÃO BENTO-PB: ENTRE TEARES, REDES E SILÊNCIOS HISTÓRICOS

Kedna Karla ferreira da Silva- UFPB
kednakarla@hotmail.com
Wojciech Andrzej Kulesza (orientador)
Wakulesza@gmail.com

INTRODUÇÃO

A participação das mulheres no mercado de trabalho tem sido intrinsecamente associada a segregações e discriminações que as instalam em condições desfavoráveis no espaço sócio-profissional. Esta realidade pode ser comprovada a partir de estudos sobre as relações de trabalho, mas, especificamente nas formas como homens e mulheres adentram ao mercado de trabalho, por ser realizado em espaço público- as relações na produção nos concedem uma maior perceptividade e melhor apreensão das presentes relações de gênero.

Para compreender este contexto devemos considerar uma série de fatores como explicações, cujas procedências podem está relacionado a alterações tanto de ordem econômica, quanto a fatores sócio-culturais e institucionais.

Com o advento dos estudos feministas na sociologia do trabalho, mostrou-se que a classe trabalhadora era formada por mulheres que trabalhavam nas fábricas, quase sempre nas funções menos valorizadas. No entanto, o trabalho feminino permaneceria invisível. Por isto, a primeira grande tarefa do feminismo, foi tornar visível a opressão sobre o sexo feminino. Em seguida mostraram que havia um “sexo do trabalho”, já que, homens e mulheres não realizavam ao longo desta história as mesmas atividades. Nas fábricas, ou no trabalho em domicílio, seriam divididas as tarefas de homens e mulheres, logo:

Os estereótipos de “ser homem” e “ser mulher”, definidos historicamente, reproduzem-se no mercado de trabalho e expressam-se na feminização/masculinização das tarefas e ocupações determinando a existência dessa inserção desigual (SILVA, 1997 p.292).

São muitas as imagens das mulheres trabalhando ao longo da história. Estas, no entanto, durante muito tempo permaneceram camufladas da história, tidas como um mero complemento, na “efetivação de dons”, nos serviços sociais, nas extensões dos trabalhos

domésticos, ou seja, suas atividades eram tidas como vocação, qualidades, mas, nunca como trabalho que originava a riqueza e construía a história, esta, por sua vez, narrada segundo a hierarquia dos homens.

A luta dessas mulheres continuou ao longo do tempo, em Beauvoir, autora do Segundo Sexo, integrou-se ao chamado “novo feminismo”, e hoje ainda é um ponto de referência para muitas mulheres, devido à sua filosofia encorajadora. Para ela, os homens têm profundamente arraigados a idéia de superioridade, sob a forma de complexo e não estão preparados para renunciar ao posto de “superior”.

Destarte, até os dias atuais, os estudos feministas revelam, nos diversos países, que inúmeras mulheres ainda permanecem afastadas dos postos de trabalho em que há predominância das tecnologias, embora, elas venham conquistando melhores níveis de escolaridade que os homens.

A falta de oportunidades, as necessidades socioeconômicas e o baixo nível de qualificação direcionam as mulheres das camadas mais baixas da sociedade para a ocupação com trabalhos pouco valorizados e de baixa remuneração. Semelhante ao modelo vivido pela família burguesa no século XIX e início do século XX no Brasil (MACHADO e NUNES, 2007).

Outro grande marco histórico foi o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro, uma das mais marcantes transformações ocorridas no país desde os anos setenta. Várias são razões para explicar o ingresso acentuado das mulheres no mercado de trabalho a partir deste momento. Uma destas seria a necessidade econômica, que se intensificará com a deterioração dos salários dos operários, e que as “obrigou” a buscar uma complementação para a renda familiar.

Neste contexto histórico, adentramos a história do município de São Bento-PB, localizado em pleno sertão oeste, possuindo cerca de 30 mil habitantes. A necessidade, bem como a relevância desta pesquisa para os estudos historiográficos e educacionais, se faz por acreditar que, conhecer o lugar ocupado pelo trabalho da mulher reitera a nossa compreensão sobre como são reforçadas as relações iniquânimes de gênero e como os estereótipos são construídos historicamente (BADINTER, 1993) acerca das atribuições impostas à mulher (habilidade manual, paciência e flexibilidade).

Referencial Teórico e objeto de estudo

Desse modo, iremos resgatar a história de vida de Maria Serafim, pioneira na fabricação de redes deste município na década de 20, mas especificamente em 1927, ano que iniciou o seu trabalho.

Buscaremos contextualizar o modelo educacional do referido município neste período. Para isto faço referência a (MEIHY, 1996) quando a autora assevera que, a história oral nos possibilita uma “percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”.

Objetivamos descrever a trajetória educacional e profissional da “feiteira de rede pioneira” Maria Serafim, considerando sua atividade laborativa e formação educacional como fios condutores para a compreensão da história de vida de uma mulher que “gerou” a produção econômica e social do município de São Bento-PB.

Contemplamos a biografia nesta pesquisa, por ser:

[...] exercício apropriado para identificar uma figura no meio, examinar o sentido adquirido por uma educação distribuída a outros, segundo os mesmos modelos, analisar as relações entre desígnio pessoal e forças convergentes ou concorrentes, fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios (LEVILLAIN, 1996, p. 165).

O método biográfico se difunde a partir dos anos de 1920 e 1930 através dos sociólogos da escola de Chicago, sendo retomada na década de 1980. Sabemos que ao definir um objeto de estudo a ser pesquisado, isso só será possível se considerarmos como um “fio” que só funciona se estiver conectado a outros, por tanto, narraremos fatos histórico-sociais feministas, locais e nacionais que ocorriam quando da atuação da respectiva mulher.

Com base na contribuição acerca da “nova” história, bem como da micro-história, a história de vida, colabora para os estudos da academia através da valorização das subjetividades que são ratificadas nas representações compostas por cada indivíduo. No campo da historiografia, a história nova (Escola dos Analles) advertia,

[...] em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas e não apenas da história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística, a antropologia social e tantas outras. (BURKER, 1991, p.11-12).

A história de vida se faz por meio de uma descrição retrospectiva vivenciada por um sujeito, em meio a um determinado contexto social, em que o mesmo narrará suas experiências a partir de uma dada época, de forma oral ou escrita, fazendo alusão a fatos e acontecimentos que considera como expressivos e essenciais nessa conjuntura.

Nesse contexto é importante ressaltar o empreendimento que teve Maria Serafim, resultando no desenvolvimento econômico, social e geográfico da população do município de São Bento. O seu progresso foi fundamental para a intitulação que concede ao referido município nos dias atuais, como sendo, a “capital mundial das redes”.

Podemos enumerar como características que foram intrínsecas à vida dela, a luta pra conquistar o seu espaço, e obter autonomia em sua liderança- sua coragem e “ousadia- por penetrar ao espaço laborativo masculino”, naquele momento histórico no qual Maria Serafim dá início ao seu trabalho, era destaque a “efervescente” luta das mulheres no Brasil.

Desse modo, configura-se a história de vida como um método de se pesquisar, permitindo o narrador rever o seu processo de formação no decorrer do tempo, através do rememorar existências passadas, que tem como objetivo reconstruir as tramas sociais e as multiplicidades temporais esquecidas nos traçados estruturalistas, apresentando o significado de tempos vivenciados pelos homens.

Porém, vem a propósito registrarmos o esquecimento a memória de Maria Serafim, ou ainda, o desconhecimento desta, por boa parte da população São-bentense. Conseqüentemente, quanto mais sabemos sobre como que as mulheres conquistaram no passado, mais temos razão para nos perguntar por que suas conquistas têm sido tão freqüentemente esquecidas no presente (SCOTT, 1995).

Ao analisarmos a história do trabalho das mulheres, entendemos que o novo e o velho se confundem para que a exploração, a acumulação e a desigualdade se reproduzam.

A história das mulheres, segundo a concepção reproduzida pela história oficial, retrata estas, como um ser “frágil, passiva e submissa” em suas inter-relações.

A mulher é a rainha do lar, precisa, portanto saber dirigir sabiamente o seu pequenino reino. O seu papel no lar é sagrado, pois terá que preparar os futuros pais e as futuras mães de família. Cumpri a mulher preparar a criança para a pobreza ou a fortuna, anima - lá na virtude, lançar-lhe no coração os fundamentos sólidos da religião, como norma de conduta e todos os atos humanos e m todas as circunstâncias da vida (MARIA TEREZA, Álbum de Economia Doméstica, 1966).

Essa percepção foi tecida socialmente, conduzida pela linguagem e reportada pelos diversos meios comunicativos, localizadas desde o interior do seu próprio lar, ou seja, nas relações paternas, permeando pelo popular, cruzando também pela circulação comercial- revistas, jornais, bem como, pelo meio midiático, aonde podemos encontrar a imagem, fragilidade e submissão das mulheres, presente em muitas das composições musicais.

Assim sendo, este recurso utilizado como técnica, caminha ao lado dos múltiplos ramos das ciências sociais, a exemplo, a sociologia, antropologia, história, que nos comporta adentrar e elucidar fatos de cunho social, político, cultural e econômico, os quais contribuem para a reflexão diante da realidade social.

METODOLOGIA

Recorremos à história oral, que será explorada, segundo a reconstituição por parte de evidências dos familiares de Maria Serafim- irmãos/as; sobrinhos/as; filhos/as; netos/as, entre outros/as, que partilharam de seu cotidiano, como, através de entrevistas, arquivos de instituição/es educacionais da qual fez parte, dentre outros que estejam ao alcance da oralidade. Pois, de acordo com (THOMPSON, 1992) por meio da entrevista, ocorre um rompimento entre “a instituição educacional e o mundo, e entre, o profissional e o público comum”.

Esse método revela que o seu uso exige praticas bem definidas, sobretudo a partir de meados do século XX, assinalando assim as diferenças existentes entre fontes orais e história oral.

A denominação “fontes orais” é ampla e pode ser aplicada a qualquer individuo e em qualquer circunstância, sem nenhuma preparação prévia. Há ai uma diferença em relação a “história oral” que pressupõe a produção de uma fonte oral especifica resultante de um processo de elaboração e pesquisa por parte de um especialista. (FERREIRA,19994, p.11).

De acordo com (THOMPSON, 1992) a história oral é tão antiga quanto a própria história. Presente desde a antiguidade como fonte de se conservar e perpetuar as tradições culturais, porém relegada no século XIX pelos os ditos historiadores de ofício, que apenas se preocupavam com a macro história, sendo retomada na segunda metade do século XX, não só dando voz aos excluídos da história, mas também sob uma nova perspectiva da história, sendo esse novo olhar, resultante de uma outra compreensão da história, a partir da Escola dos

Annales, bem como, através da história cultural, que revigora o interesse pela história contemporânea, surgindo assim uma maior atenção para a história da mulheres, dos negros, enfim, histórias, que se fizeram silenciosas pela opressão da história oficial.

Ao enveredarmos segunda a natureza da história oral como fonte de pesquisa histórica, é preciso compreende - lá numa perspectiva capaz de ultrapassar o “mero” relato de fatos, apreendendo-a como uma abertura que nos induziria a acontecimentos vivenciados em determinados contextos históricos, os quais apenas por meio das fontes escritas seriam insuficientes para análise ou reconstituição de um determinado “recorte” temporal.

[...] Assim, há todo um conjunto de pesquisadores que chama atenção para o fato de a tradição oral só se atualizar no momento mesmo da narrativa, momento que determina, em grande parte, para que e como algo é narrado. Desse ponto de vista, tradição oral e história oral tem bastante proximidade, principalmente se tornamos as entrevistas como ações (ou narrações), e não somente como relatos do passado.(ALBERTI, 2004, P.26-27).

Neste sentido, Chartier (2002) refere-se ao relato como uma singularização da história, pelo fato de manter uma relação específica com a verdade, pois as construções narrativas pretendem ser “a reconstituição de um passado que existiu”.

A história oral nos ajuda a explicar alguns paradigmas que podem estabelecer uma visão crítica do método e identificar suas potencialidades na atualidade, Permitindo que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis dando diferentes versões da “construção” do passado e da subjetividade, esta atrelada em grande parte a dois paradigmas da modernidade: o modo de pensar hermenêutico, e a idéia do individuo a dois padrões da modernidade: o modo de pensar hermenêutico e a idéia do individuo como valor.

Assim é preciso compreendê-la capaz de representar além de acontecimentos equivalentes a determinado contexto social, seria possíveis direções, capazes de desvendar o que está por trás dos fatos revelados pela história oficial, particularidades que somente os documentos escritos não poderiam denotar.

No entanto, ao explorarmos essa fonte em nossos estudos, os dados podem ser colhidos, segundo Sousa (1998) através das fontes vivas de informações, histórias de vida, autobiografias, biografias, depoimentos pessoais e entrevistas, material que precisa passar por um meticuloso procedimento de análises.

Empregar o método da análise do discurso, no exame da trajetória de vida da biografada, Considerando a sua atividade laborativa e formação educacional, realiza-se por

acreditarmos, parafraseando THOMPSON, que a história como toda atividade de pensamento opera por descontinuidades, quer dizer, selecionam-se acontecimentos, fatos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou.

Desse modo, também será explorado a análise de conteúdo, por possibilita ao pesquisador avaliar ideologias, valores, mentalidades, atitudes e opiniões, as informações dos/as participantes passarão por um recorte de conteúdos. Pois, segundo (LUDKE E ANDRÉ 1986), este momento solicita que todos os dados colhidos durante a pesquisa sejam analisados em conjunto.

Utilizaremos ainda, instrumentos como à revisão bibliográfica, objetivando encontrar subsídios teóricos, conceituais e pesquisas que se relacionem com a nossa problemática, e a “estratégia história de vida”, por acreditarmos que ao interpretarmos “uma história pequena, anônima” poderemos compreender como personagens e vidas “insignificantes” modificam sociedades e constroem a macro história. (CERTEAU, 1982).

REFERÊNCIAS

- ALBERTIR, Verena. **Ouvir e contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004;
- BADINTER, Elizabeth. **XY Sobre a identidade masculina.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo.** Fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. 4ª Ed. São Paulo, 1970.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales. 1929-1989:** A Revolução Francesa da Historiografia. Trad. Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 1997.
- CERTEAU, M. **A História da Escrita.** Ed. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1982.
- CHARTIER, R. **A História Cultural :** entre práticas e representações. 2ª ed. **Memória e Sociedade.** Tradução de: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: **Entrevistas: abordagens e usos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1994.
- LEVILLAIN, P. “Dos Protagonistas: a biografia”. In Rémond, René (org). **Por uma História política.** Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.

LUDKE, N; ANDRE, Marli. E. D.A. **Pesquisa em educação:** abordagem qualitativa. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

MACHADO, C. J. S.; NUNES, M. L. S. **Gênero & Sexualidade:** perspectivas em debate. 1 ed. 2007.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral.** São Paulo: Editora Loyola, 1996; **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: contexto, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: **Educação & realidade.** Porto Alegre, v.20, n.2. jul/dez, 1995).

SILVA, Lorena H. D. Divisão sexual do trabalho. In: CATTANI, Antonio David (Org.). **Trabalho e tecnologia:** dicionário crítico. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

SOUSA C.P. **Fragmentos de histórias de vida e de formação de professoras paulistas:** rupturas e acomodações. Em: Souza, C.P. (org.). **História da Educação: processos, práticas e saberes.** São Paulo: Escrituras (1998).

TEREZA, Maria. **Álbum de economia doméstica.** Areia, 1966.

THOMPSON, P. (1992). **A voz do passado: história oral.** Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.